

granito uma grande pia, certamente artificial, que serve de varanda ao visitante para d'ali contemplar um vastissimo horizonte. Disseram-me que existia perto uma gruta, o que não verifiquei.

*

Muitas noticias podia ministrar ainda a respeito do concelho do Sabugal, porque em muitas freguesias existem monumentos que attestam a sua antiguidade, alguns abandonados, outros ignorados, e todos sujeitos ao primeiro que se julgue com direito de destrui-los ou pelo menos mutilá-los, como succede aos pelourinhos e castellos.

O pelourinho de Villar Maior, ainda ha pouco intacto, corre o risco de desaparecer, tendo já sido destruida parte da gaiola.

D'esses monumentos fiz menção numa memoria a respeito do Sabugal.

JOAQUIM MANOEL CORREIA.

Estudos de numismatica colonial portuguesa

10. Classificação de tangas do sec. XVII

Nas colleções de alguns numismatas portugueses e estrangeiros ha certas moedas que estão omissas na obra de Teixeira de Aragão, e que, apesar de mostrarem typos já conhecidos, não tem sido classificadas de modo positivo. Posto que indiquem com clareza a officina monetaria da procedencia, tem dado causa a discussões, quanto á inter-

pretação completa das letras **DT**[↑]**S**, que estão gravadas no campo do reverso, para se saber em qual dos dominios portugueses do oriente tiveram curso.

Esta inconveniencia é, como outras, resultante do descuido com que os antigos deixavam expressas certas ideias, quasi obscuras de sentido, enygmaticas, quando não tiveram intenção especial de perpetuá-las. Quem hoje remexe em taes cinzas, frias ha seculos, raras vezes chega a conhecer as causas dos incendios.

As leis monetarias do Oriente promulgadas no tempo de D. João IV ainda hoje são menos conhecidas que as que regularam o fabrico de numerario para o curso no continente do reino, e por esta causa temos largado de mão tentativas de estudo, sendo tão imperiosa a necessidade de salvar do olvido a lembrança fugitiva de cousas do passado.

Não é despropósito revelar aqui a serie de esforços empregados para achar a solução do enyigma, representado no reverso das figuras seguintes:

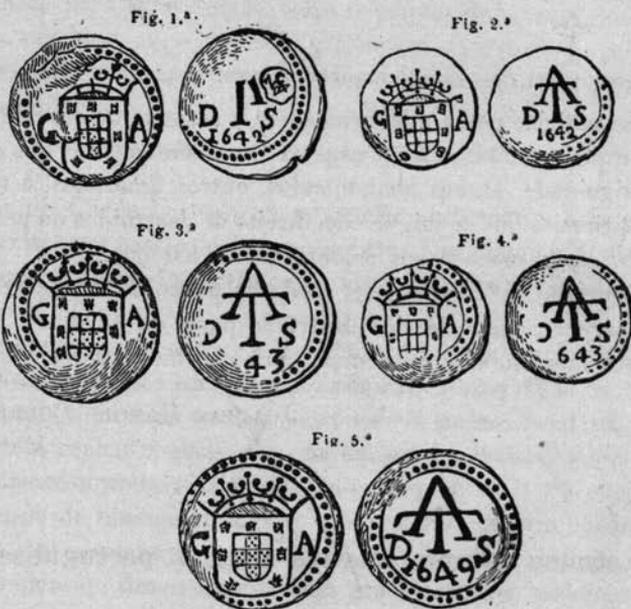


Fig. 1.ª—Tanga dobrada de 1642 (equivalente a meio xerafim).

Peso 4^{er},46, ou 89 $\frac{1}{5}$ grãos. Tem o carimbo  da *Verenig Oostindische Compagnie*. Pertence ao Sr. Alvaro de Araujo Ramos, residente na Bahia. Proveio-lhe do leilão realizado em Amsterdam no dia 29 de Setembro de 1903. Estava incluída no catalogo da collecção de Vilhelm Bergsøe, onde tinha o numero de ordem 2:116.

Fig. 2.ª—Tanga, singela, de 1642. Peso 2^{er},21, ou 44 $\frac{1}{5}$ grãos. Pertence ao Sr. Henry Grogan, de Londres.

Fig. 3.ª—Tanga dobrada de [16]43. Peso 4^{er},50, ou 90 grãos. Existe na collecção do Sr. Julius Meili. Teve o n.º 500 num catalogo de vendas que o fallecido *expert* Weyl, de Berlim, fez imprimir e distribuiu no anno de 1892.

Fig. 4.ª—Tanga, singela, de [1]643. Peso 2^{er},20, ou 44 grãos. Pertence ao Sr. Julius Meili. Adquiriu-a no leilão que teve logar em Londres no anno de 1899, relativo á collecção do coronel B. Lousley.

Fig. 5.ª—Tanga dobrada de 1649. Peso 4^{er},47, ou 89 $\frac{1}{2}$ grãos. O Sr. Antonio Pedro de Andrade adquiriu esta moeda no leilão que se realizou em Amsterdam no dia 26 de Setembro de 1904, respectivo á collecção de White King, em cujo catalogo teve o n.º 1:563.

Estas moedas são de identica filiação; distingue-as apenas a chronologia dos millesimos. No anverso as armas do reino, entre as letras G-A, dentro de um circulo de globulos. No campo do reverso o monogramma \uparrow entre D-S com a data no exergo.

A primeira interpretação que occorreu dar a este quadro mysterioso foi a de T(ANG)A D(E) S(OFALA). Demonstramos que não é verdadeira.

De 1642 a 1649 o governo central de Goa ainda tutelava a administração civil e militar de Monomupata, Moçambique, Senna e Sofala, ou Çoffala¹, colonias que estanceiam na parte oriental do continente africano; porém a sede do governo subalterno de tão dilatados territorios já não existia nesta ultima localidade, mas sim em Moçambique.

Com este argumento apenas se prova que é erronea a interpretação dada, mas convem consultar outras frases da Historia e adduzir proposições para completa elucidação.

Em 1607 os hollandeses tinham assediado e combatido o recinto amuralhado de Moçambique, ponto estrategico e commercial que, por muito afastado de Sofala e, portanto, da immediata acção protectora do respectivo capitão-mór, fôra de preferencia atacado.

A aggressão repetiu-se em 1608. Seria este o principal motivo, inconfessavel, que influuiu na mudança da sede governativa para Moçambique ainda naquelle anno. Qualquer emissão de numerario que houvesse de ser enviada para aqui, de 1642 a 1649, no caso de ser

semelhante ao typo D \uparrow S, mostraria no reverso D \uparrow M. A letra M designaria *Moçambique*².

¹ A fórma *Çoffala* vem na carta que Fernão de Eslava, mestre da Casa da Moeda de Cochim, escreveu a D. João III acêrca da venda do ouro virgem importado de Africa. Consulte-se o *Arch. Port.*, VII, p. 50. *Çofala*, fórma levemente variada d'aquella, póde ler-se a p. 26 do *Livro dos pesos da Yndia, e assy medidas e mohedas*, por Antonio Nunez (sec. XVI), e ainda a pp. 7 e 13 do *Tombo do Estado da India*, por Simão Botelho, um e outro incluídos nos *Subsidios para a historia da India portuguesa*, publicados em 1848 pela Academia Real das Sciencias.

² No reinado de D. Filipe III foram cunhadas em Goa tangas cujos reversos, nesta conformidade, significavam T(ANG)A D(E) M(ALACA). Mostra-se na fig. A uma d'estas moedas, que existe na collecção do Sr Henry Grogan. Convem saber-se que pesa 2^{or},68, ou 53 1/2 grãos. Parece que foi emittida na conformidade da estiva appensa á lei de 27 de Agosto de 1631 (Aragão, doc. n.º 79). Neste caso é uma

Fig. A



Vejamos se o dinheiro era ou não indispensavel no oriente portuguez do continente negro no tempo de D. João IV.

As condições do commercio entre a Asia e a Africa Portuguesa não eram então as dos tempos passados, em que o negro fôra mais ou menos lesado com a permuta. É certo que tinham melhorado consideravelmente, mercê da concorrência estrangeira ao resgate do ouro. A moeda negociava em Moçambique, principalmente a pataca, a medianeira hespanhola que tanto viajou nos dominios ultramarinos de Portugal. Fraccionada em Macau, inteira em Angola, transformada nos cadinhos de Goa e de Diu, manteve preponderancia por largos annos. O negro, que assistia á decadencia da permuta nos povoados litoraes, comprehendêra que a moeda era um poder supremo e dominador, um meio especulativo de tão largo alcance que supplantava a importancia do metal precioso no estado virgem, lavrado afadigadamente nas minas de Quiteve ou nos grandes rios do sertão, e a imponencia da «presa» do elefante, arrancada em lances perigosos. Como estas grandezas commerciaveis do país se curvavam ao imperio da moeda entre os brancos, era natural que o negro cubicasse a posse d'aquella especie de feitiço com character reconhecivel, que se via, se palpava, e que muito lhe convinha na aquisição de tecidos e bugigangas, que importavam os mercadores adventicios, quando fosse escasso o ouro e o marfim.

O governo de Moçambique reconheceu a falta de moeda local, ou quem sabe hoje se tentou combater a influencia da pataca; o certo é que pediu numerario portuguez, que lhe foi remettido de Goa conforme a ordem que o conselho da fazenda deu em 14 de Janeiro de 1646¹.

O typo das moedas remettidas é hoje desconhecido. Sabe-se apenas que ellas eram *cruzados*, com o peso de 345 grãos, o dos patacões lavrados no tempo do Vice-Rei D. Miguel de Noronha, pela estiva da antiga deliberação de 13 de Novembro de 1630². Parece que não foram bem accites, porque até o anno de 1735 nenhuma outra especie de moeda de prata foi madada officialmente para a Africa Oriental. Ali a moeda local não conviria aos mercadores, por não ser accite no

das 8:119 peças que derivaram de 110 marcos e uma onça de prata baixa, com o peso de 61 ¹/₂ grãos cada uma. A differença ponderal de 9 grãos, relativamente á letra da lei, derivaria das imperfeitas condições do fabrico, alliadas ao cerceio e ao gasto. Para comparação, veja-se tambem o n.º 8 da estampa II do vol. III de Aragão.

¹ Aragão, p. 427 do vol. já referido.

² Idem, doc. n.º 77.

commercio de Goa? Se o *cruzado*, no valor aproximado de 16 tangas, cujo diametro não era de proporções mesquinhas, foi vencido pela pataca, podemos suppor que o negro não receberia de bom grado a moeda meuda, a tanga, que elle facilmente se arriscava a perder na sua vida agitada pelas regiões do mato.

O quadro hypothetico T(ANG)A D(E) S(OFALA) é apagado pelo colorido, inalteravel, da Historia, quando o não seja pelos argumentos offerecidos.

A segunda interpretação dava T(ANG)A D(E) S(ALSETE). Não podia ser mais infeliz! A via sacra do investigador é por vezes tão occupada por precipicios...

O territorio da peninsula de Salsete foi sempre membro aggregado ao corpo central de Goa, para todos os effeitos; portanto não carecia de prerogativas monetarias especiaes, como as tiveram as praças do norte—Diu, Damão, Chaul, Baçaim, e as do sul—Cochim, Ceilão e Malaca.

A nenhuma outra possessão portuguesa africana ou asiatica seria applicavel a corrente da investigação, tomada a letra S como inicial de nome. Que fazer? Finalmente pensámos que esta letra podia referir-se a Ceilão, ou *Seilão*, ilha que, pela sua situação geographica ao SO. do golfo de Bengala, era naquelle tempo centro de actividade, que ainda rivalizava com a altiva Malaca, em cuja fortaleza já tremulava o estandarte hollandês. Para a navegação que da Europa demandasse o Oriente era porto de escala, quasi obrigatorio, aquella preciosa joia insular, cujos productos de cultura, e ainda a pesca de perolas em Manaar, muito a recommendavam á cubiça dos grandes entendidos na rapacidade colonial d'aquelles tempos, os hollandeses.

Quanto á etymologia da palavra *Ceilão*, Élisée Réclus diz: «Le mot Ceylam, ou Ceylon, employé par les Européens, celui de *Serendib* dont se servent les Arabes, ne sont autres que l'antique désignation de *Sinhala*¹, palavra que significa *asylo de leões*. Taes feras jamais existiram no país. Houve allusão á bravura patriotica dos naturaes, que repelliram invasões de varios povos asiaticos desde remota antiguidade, e combateram contra as depredações dos piratas arabes anteriormente á epoca em que os portugueses levantaram fortalezas em Columbo, em Galles, em Trincomali e em Djaffna, ou Djaffanapatam, e estabeleceram no litoral da ilha o seu dominio, imposto pela força das armas, que era a melhor diplomacia d'aquelles tempos.

¹ *Nouvelle Géographie Universelle*, vol. VIII, p. 579.

Aquella affirmativa de Réclus, é valiosa, e em virtude d'ella esforçámo-nos por saber se ainda hoje existem na India Portuguesa manuscritos do sec. XVII, ou mais antigos, em que as letras C e S se empregassem indifferentemente.

Na orthographia phonetica do sec. XVII a letra S iniciava palavras que depois foram escritas com a letra C, como, por exemplo, *sinquinho*. Por outro lado no sec. XIV houve a substituição contrária, como na palavra *Çamora*, hoje *Samora*, indicada por Ç—A em moedas do tempo de D. Fernando I.

Sem ultrapassar o campo numismatico, ao qual ambos estes exemplos pertencem, sabemos mais que Cipriano do Couto, gravador monetario no tempo de D. João IV, marcou um typo de moeda de tostão com a letra C, inicial do seu nome de baptismo, ao passo que noutro gravou S; isto certamente porque ambas as letras tinham para o caso identica applicação. Um exemplar, rarissimo e ainda ha pouco desconhecido, em que S está bem visivel á direita do escudo de armas do reino, mostra-se na fig. 6.^a Existe na collecção do Sr. Dr. Antonio Augusto de Carvalho Monteiro. Foi adquirido, por compra, no leilão de moedas e medalhas portuguezas e outras que se realizou em 28 de Janeiro de 1906 na Casa Liquidadora, Avenida da Liberdade, n.ºs 93 a 113, Lisboa. Tem o numero de ordem 195 no respectivo catalogo, em cuja estampa IV vem representado pela photogravura.



Nos alvarás regios de 15 de Setembro de 1646 e 28 de Outubro de 1647, que publicámos no *Arch. Port.* (IX, 109 e 110), referentes ao mesmo gravador, lê-se quasi no começo do primeiro a fórma *Cepriano* e no segundo a variante *Sipriano*.

Fortalecida a opinião com taes exemplos, mantinhamo-nos firme na suspeita de que as moedas representadas nas figs. 1.^a até 5.^a foram fabricadas expressamente para o curso na ilha de *Ceilão*, ou *Seilão*; porém, depois que o Sr. José Maria do Carmo Nazareth nos remetteu de Nova Goa o documento original seguinte, que fizemos reproduzir photographicamente em grandeza natural, entendemos que, sem objecção

possivel, deve interpretar-se D[†]S por T(ANG)A D(E) S(EILÃO).

Até aqui lutámos com armas diversas contra o enygma; agora apparece esta, que lhe dá o golpe de misericordia.

Trata-se de uma certidão em que o capitão geral da ilha de *Seilão*, Francisco de Mello de Castro, declara que Annes de Sá, cavalleiro professo da Ordem de Christo, prestou ali serviços relevantes durante as lutas sustentadas contra os hollandeses e contra o Rei de Candia, como conselheiro experimentado em assuntos militares, e que, portanto, era digno da munificencia regia.

É manifesta a autoridade respeitavel da palavra *Seilão*, bem distincta na segunda linha de tal exposição laudatoria, em cujo termino se lê a data de 16SS (S = 5) antes da abreviatura CL.^o, que representa a palavra «CoLumbO», hoje Colombo, nome da cidade capital da colonia.

Esta abreviatura é notoria na tanga que se mostra na fig. 7.^a Diz Teixeira de Aragão, a p. 226 do vol. III, que ella provavelmente significa «CeyLãO», ou «CouLãO». Convem que não mais subsista o parecer vacillante, que preoccupou o sempre lembrado numismata.

Esta moeda, caracteristica pela gravura da grelha de S. Lourenço, foi batida em Columbo, como ella diz, mas não conforme as prescripções da lei monetaria de 27 de Agosto de 1631, que dava á tanga singela o peso de 62 1/2 grãos. Em 3 exemplares, iguaes, de que vamos tratar, acham-se pesos muito menores: um, da collecção do Sr. Meili, pesa 2^{er},30, ou 46 grãos; outro, da do Sr. Grogan, pesa 2^{er},39, ou 47 1/2 grãos; e outro, da nossa collecção, gasto, pesa 2^{er},17, ou 43 1/2 grãos.

Outras moedas semelhantes, representadas nas fig. 8.^a e 9.^a, teem pesos quasi nas mesmas proporções. São tangas singelas.



A fig. 8.^a, batida no anno de 1640, existe na collecção do Sr. Grogan¹. Pesa 2^{er},18, ou 43 1/2 grãos, e a fig. 9.^a, do anno de 1648, per-

¹ Outro exemplar da collecção do Sr. Meili, n.º 22 das *Portugiesische Münzen, Varietäten und einige unedirte Stücke*, pesa 2^{er},20, ou 44 grãos. É provavel que a data fosse a de 1640. O algarismo da unidade não é visível.

tence ao Sr. Meili. Pesa 2^{gr},10, ou 42 grãos. Absolutamente iguaes no typo, foram cunhadas em Goa para Ceilão. Pela data da segunda prova-se que não devem ser classificadas nas series de Malaca, joia que a pirataria militar dos hollandeses desgastou da coroa de Portugal em 14 de Janeiro de 1641.

Entre os documentos n.^{os} 85 e 86 transcritos por Aragão, num periodo de 6 annos, não foram compendiadas as resoluções que o governo de Goa adoptaria acêrca de numerario. As tangas de 1640 e de 1645 existem, portanto foram cunhadas em harmonia com a letra de uma lei monetaria de Malaca ainda hoje não conhecida, e bem assim as tangas dobradas e as singelas, figs. 1.^a até 5.^a, que todas são de prata pobre.

Não sabemos se em epoca posterior a 1645 houve ou não emissões de dinheiro especial para Ceilão, a fertilissima Taprobana dos antigos, que já não era o país importador dos degredados de Goa, como o foi no tempo de D. Filipe I de Portugal. Ainda hoje os naturaes, os que descendem de Portugueses, ou de Goenses que ali se estabeleceram, falam o idioma português, alterado, e mantem a religião dos seus maiores.

Em tempos mais antigos houve casa monetaria em Columbo. Pela carta que o Vice-Rei D. Miguel de Noronha enviou a D. Filipe III, em 9 de Dezembro de 1634, sabe-se que D. Jeronimo de Azevedo, antes de ser promovido a Vice-Rei, quando era simples capitão da ilha, antes de 1612, bateu ali moeda sem para isso ter licença de D. Filipe II, e bem assim Constantino de Sá. Não existe hoje, que nós saibamos, um só exemplar d'essas cunhagens, que depois foram censuradas por este rei; mas, como a numismatica é uma das sciencias em que mais frequentemente ha surpresas, aguardemos que o agricultor singalês encontre casualmente algum, ou que o pescador de perolas o traga á superficie das aguas, talvez encravado em petrificações maritimas ¹.

¹ São muito raros os achados de moedas nestas condições interessantes, que parecem fantasticas. Na colleção do Sr. Meili existe um exemplar de tostão do tempo de D. Pedro II engastado em suporte de vasa petrificada. Foi encontrado por um marítimo em Lisboa, na maré baixa do Tejo, perto da antiga praia de Santos, em 1894. Ha annos vimos uma moeda espanhola de prata, do tempo de Fernando e Isabel, apertada em leito da mesma natureza.

Ha ainda o caso seguinte: Quasi no fim do anno de 1904, o Sr. Bland, residente em Singapura, obteve 4 typos de moedas portuguezas de calaim, até então desconhecidas, cunhadas em Malaca durante o reinado de D. Manoel. Foram arrancadas do fundo do rio de Malaca, junto á fortaleza do mar, por um pescador de

No final d'esta inquirição trabalhosa fica desvendado o mysterio que se occultava em D^TS. Bem vinda foi a certidão, que provavelmente não seria mais util a Annes de Sá em 1655 do que o é na actualidade a quem devassa ideias do passado. Incompativel na sua essencia com a numismatica, é notavel ter resolvido um problema e aniquilado uma supposição!

Francisco de Mello de Castro, o intrepido defensor de Columbo, não poderia pensar que o documento por elle facultado, origem provavel de vantagens para um politiceo illustre, houvesse de produzir no futuro tão diversos frutos para a sciencia do numisma.

Lisboa, Junho de 1906.

MANOEL JOAQUIM DE CAMPOS.

Documentos para a historia do castello de S. Jorge

Sobre o castello de Lisboa, a que podemos chamar acrópole da cidade, publicou o membro do Conselho dos Monumentos Nacionaes e engenheiro distincto, Sr. Augusto Vieira da Silva, completamente desajudado de favores officiaes, mediante apenas o estudo das ruinas que estão a ceu aberto, do manuseamento dos mappas antigos e da reduzida literatura que existe sobre a materia, uma importante monographia. Maior cuidado das estações competentes, especialmente do Ministerio da Guerra, Secretaria de Estado a que pertencem hoje todas aquellas muralhas e edificios, mereceria a fortificação que desde 1147 está em poder da Nação. Com a Sé de Lisboa litiga em antiguidade e recordações historicas; mas se áquella actualmente são dispensados carinhosos cuidados, a esta (á Alcaçova de Lixbona) são-lhe retiradas as attenções; restando-lhe como fraca compensação ser emphaticamente citada nos logares communs dos compendios da historia. Decerto que não falta ao Ministerio da Guerra, não direi a competencia, mas o gosto pela archeologia, ao menos militar, de que são prova as quantiosas sommas dispendidas no edificio do Museu de Artilharia, que ficará como modelo, pela disposição artistica e habilidade profissional dos nossos pin-

perolas. Estavam encorporadas em greda azul, desaggregavel. Existem no Raffles Museum. O Sr. R. Hanitsch publicou uma noticia, interessantissima, acerca d'estas moedas e apresentou as respectivas photogravuras no *Journal of the Straits Branch of the Royal Asiatic Society*, fasciculo n.º 44 do anno de 1905. Já anteriormente o mesmo autor descrevera e figurara em duas estampas diversos typos de moedas do mesmo metal, tambem desconhecidas, cunhadas em Malaca durante os reinados de D. Manoel, D. João III e D. Sebastião, no fasciculo n.º 39 do mesmo jornal, respectivo ao anno de 1903. O Sr. Dr. Silva Telles deu noticia desenvolvida d'este assunto num artigo publicado no jornal *O Seculo* de 28 de Setembro de 1903.